



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS OSMAR DE AQUINO  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**ODINÉA GALDINO RIBEIRO**

**A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO –  
APRENDIZAGEM**

**GUARABIRA  
2015**

**ODINÉA GALDINO RIBEIRO**

**A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO –  
APRENDIZAGEM**

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III – Guarabira, em cumprimento às exigências necessárias para obtenção do Grau de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Ms. Mônica de Fátima Guedes

**GUARABIRA  
2015**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

R484e Ribeiro, Odinéa Galdino

A influência da afetividade no processo de ensino –  
aprendizagem / Odinéa Galdino Ribeiro. – Guarabira:  
UEPB, 2016.

18 p.

Artigo (Graduação em Pedagogia) –  
Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Profa. Ma. Mônica de Fátima Guedes”.

1. Processo de Ensino. 2. Afetividade. 3.  
Aprendizagem. I.Título.

22. ed. CDD 371.1023

**ODINÉA GALDINO RIBEIRO**

**A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO –  
APRENDIZAGEM**

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III – Guarabira, em cumprimento às exigências necessárias para obtenção do Grau de licenciada em Pedagogia.

Aprovada em 15 de junho de 2015

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof<sup>a</sup>. Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira/UEPB  
Orientadora

  
Prof. Ms. José Otávio da Silva/UEPB  
Examinador

  
Prof. Ms. Azemar dos Santos Soares Junior  
Examinador

**GUARABIRA  
2015**

Dedico este trabalho a todos que fazem parte da minha vida. E aos que contribuíram para a realização do mesmo. DEDICO.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar ao meu Senhor e Jeová, por conceder-me tudo o que preciso para alcançar meus objetivos.

À professora Mônica Guedes, pela força e dedicação.

Aos meus queridos pais Maria Firmo e José Galdino (in memoriam) por sempre acreditarem em mim.

Ao meu amado filho, razão do meu viver.

Por fim, a todos aqueles que de uma forma direta ou indireta contribuíram.

O amor é uma tarefa do sujeito.

É falso dizer que o amor não espera retribuições.

O amor é uma intercomunicação íntima de duas consciências que se respeitam. Cada um tem o outro como sujeito de seu amor.

Não se trata de apropriar-se do outro.

Nesta sociedade há uma ânsia de impor-se aos demais numa espécie de chantagem de amor.

Isto é, uma distorção do amor. Quem ama o faz amando os defeitos e as qualidades do seu amado.

Ama-se na medida em que se busca comunicação, integração, a partir da comunicação com os demais.

Não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto.

Quem não ama, não compreende o próximo, não o respeita.

Não há educação do medo. Nada se pode temer da educação quando se ama.

**Paulo Freire**

## A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO – APRENDIZAGEM

RIBEIRO, Odinéa Galdino<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar a importância da Afetividade em relação ao Ensino x Aprendizagem. A ideia desse tema surgiu de recordações particulares, marcas da minha passagem como aluna na Educação Infantil. O mesmo foi desenvolvido a partir de observações realizadas nos Estágios Acadêmicos, e sua grande parte através de pesquisas bibliográficas. A nossa proposta é de conscientizar os atores educacionais a revisarem seus papéis de mestres, procurando aprimorar suas relações de pares afetivos (professor x aluno), buscando a melhor prática de acolhimento e convivência. O estudo deixou claro que ensinar exige querer bem aos educandos, por isso, não podemos nos comportar como adestradores. Foi possível observar que a afetividade é capaz de estimular o interesse e o gosto do aluno pela sua aprendizagem.

**Palavras-Chave:** Ensinar. Afetividade. Aprender.

---

<sup>1</sup> Aluna concluinte do curso de Pedagogia da UEPB/ Campus III – Guarabira.

## SÚMARIO

<b>1.INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>2. O QUE AFETIVIDADE.....</b>	<b>11</b>
<b>3. ATÉ QUE PONTO A AFETIVIDADE INFLUENCIA NO PROCESSO ENSINO- APRENDIZAGEM.....</b>	<b>13</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>17</b>
<b>REFERENCIAS.....</b>	<b>19</b>

## 1.INTRODUÇÃO

Direcionar o olhar para um tema tão delicado, antes de tudo requer uma grande sensibilidade. Falar de afetividade, é ousar penetrar no íntimo do ser humano e acreditar nele, apesar de tudo.

É acreditar ainda mais na força poderosa dos bons sentimentos e atitudes, que proliferam as boas relações.

Vê a afetividade como instrumento para a aprendizagem, é entender que ensinar x aprender, é muito mais que uma ação mecanizada. Trata-se de uma relação, de um vínculo entre indivíduos, que se envolvem, se misturam, criam laços.

A educação é temática de vários livros, muitos já escreveram sobre ela. Mas, seus problemas continuam...

Talvez o grande segredo esteja na forma como a mesma é vista ou tratada.

Muitos são os que falam sobre suas coisas, seus problemas, é verdade! Poucos são os que sabem, acreditam e advertem... Que o ato de educar, é algo que só acontece, concretiza através das relações afetuosas, com amor!

Mas afinal o que é essa tal afetividade? E o que ela tem haver com a educação? Como ela acontece nos contextos escolares? Capítulos a seguir darão conta de apresentarmos algumas explicações a estas interrogações.

O primeiro capítulo por exemplo, tentará desvendar de forma sucinta o que é afetividade. Desde o seu significado sob as decifrações contidas nos Dicionários da Língua Portuguesa, a visão de um dos maiores defensores desta causa, Henry Wallon.

Em seguida, no segundo capítulo abordaremos sobre a influência da mesa em relação a aprendizagem, e a importância da conscientização por parte dos docentes, e ainda a visão de outros grandes teóricos.

Com um olhar voltado para a escola e seus atores educacionais, pretendemos estabelecer uma conscientização, contribuindo para tornar tanto os ambientes, quanto o cotidiano das salas de aulas, em lugares mais aconchegantes, prazerosos, afetuosos e felizes! E com isso a afetividade tem tudo haver.

Acreditamos o mais complicado será, convencer “Professores”, a acreditarem e aceitarem que na verdade muitas coisas dependerão de seus esforços, de sua atuação.

É visível nos ambientes escolares em que se cultivam bons sentimentos, mesmo diante de diferentes realidades, o processo de convivência e aprendizagem apresentar-se satisfatórios. Por isso, pesquisas sobre este assunto, caracterizam os problemas de relacionamentos aos fracassos escolares, muitas vezes relacionada a falta de interação entre professores e alunos.

Na verdade, para que valem tantos métodos, tantas reformas educacionais, se os problemas continuam?

Falta motivação, alegria de ensinar, desejo de aprender...

A criatividade, o entusiasmo, saiu pela porta. A sensibilidade pela janela. Entretanto, arriscamos a perguntar: E qual o seu papel enquanto docente na construção dos sujeitos E que sujeitos pretendem formar?

Culpam as famílias pela negligência de suas atuações direcionadas aos filhos, culpam o sistema educacional por não dispor de subsídios necessários para um bom desempenho dos Docentes, até o sol, pelo dia que está insuportavelmente quente, e etc.

Mas, afinal de quem será a por tantos descasos? Podemos dizer que culpar sempre algo ou alguém, trata-se de um jeito discreto de camuflagem e omissão, que ajuda-nos a absorvermos de qualquer possibilidade de também sermos o culpado.

Se por ventura, procurássemos analisar o que poderíamos fazer para melhorar, na qualidade de agentes educacionais que somos, talvez encontraríamos mais rápido as soluções. Pelos menos, ao invés de procurar ou apontar culpados... Estaríamos particularmente dando o primeiro passo.

A ideia principal desse artigo, é exatamente conscientizar os agentes educacionais, que a afetividade é na verdade a semente que falta para a resolução de muitos problemas que norteiam a nossa educação.

## **2. O QUE É AFETIVIDADE?**

O tema em questão chega a ser um grande tabu nos cenários escolares. Sua falta vem desencadeando problemas de relacionamentos, desatenção, dificuldades

na aprendizagem, evasão. Mas afinal o que é afetividade? Segundo dicionários da Língua Portuguesa, “Afetividade” significa afeto, demonstrações de afeição.

A Pedagoga Mestre em Educação e professora da Universidade Estadual de Campinas SP (UNICAMP), Elvira Cristina Martins Tassoni, descreve (APUD OLINTO 2001. P.14), a afetividade como qualidade do afeto, sentimento de amizade, dedicação, cuidado, zelo.

O psicólogo francês Henry Wallon (1879-1962), um dos pioneiros a fundamentar suas ideias a respeito da afetividade, defende a mesma como o ponto de partida ao desenvolvimento humano. Para ele, afetividade e a Inteligência se misturam desde muito cedo mesmo que diversificadas, predomina a dimensão afetiva. Considerando também, sua relação com os aspectos emocionais que surgem como as primeiras manifestações sociais da criança.

Por exemplo, ainda no começo da vida, mesmo sem saber falar... A criança aprende a comunicar-se com a mãe através da sua emotividade. Ao expressar necessidade e sentimentos (dor, fome, sono), usando desses aspectos, um meio de mobilizar o ambiente para suprir suas necessidades. A mãe logo compreende e atende de acordo com a sua interpretação.

O sucesso e a realização desse mecanismo só acontecem, por conta da aproximação e interação que há entre eles, e da relação afetiva que os envolvem. “A interação entre ambos será responsável pelo desencadeamento das funções cognitivas da criança”. (COLEÇÃO EDUCADORES. 2010. Pág. 37)

Essas expressões afetivas não aparecerão apenas nesta fase. Continuará durante todo o processo de desenvolvimento.

Ao levar-nos para o contexto das salas de aula,, afetividade seria a própria ação do professor, embebida de dedicação, doação e amor. Pois no ambiente escolar, dependendo de como o professor, os colegas, o meio afetem a criança, seu aprendizado poderá ser desenvolvido ou inibido.

Cabe ao educador, antes de tudo, compreender que suas palavras, gestos e atitudes, auxiliarão ou não, a criança no desempenho de sua aprendizagem.

Não basta apenas as troca de beijinhos nas entradas e saídas das escolas. Não se trata de algo para fazer média. Trata-se de um sentimento supostamente interativo, recíproco. Por que não dizer, uma mão dupla. Ao mesmo tempo que educa-se cria-se laços.

A afetividade chega a ser uma questão de prática pedagógica. Nessa direção, ao promover um ambiente acolhedor, com aulas interativas e lúdicas. Trabalhando a auto-estima dos alunos, o respeito entre eles, a confiança recíproca... O professor estará relacionando componentes afetivos ao seu fazer pedagógico.

São atitudes que motivem, que favorecem interações e que torne a busca pelo saber, mais interessante.

Ensinar apenas o currículo não se faz tão mais necessário. A necessidade implica em também ensina-los a amar, a ter simpatia com o outro. A ter consciência de si mesmo e da sociedade em que vive.

Pois a educação baseia-se numa ação extremamente afetiva. Ambos professor e alunos, envolvem-se com todas as suas singularidades. Entretanto, na maioria dos casos predomina a relação autoritária, que sob a ótica de alguns teóricos, talvez aí é que esteja o ponto crítico. A falta de uma relação também afetiva acaba provocando reações repulsivas nas crianças, mais ou menos desfavoráveis a aprendizagem.

É necessária a conscientização de que a aprendizagem é construída por um par de elementos num processo relacional e vincular. Nada pode se feito, pensado e elaborado de forma isolada. É preciso envolver-se, inteirar-se.

Para isso, surge a afetividade, revelando todas as possibilidades das interações humanas, além da íntima ligação com a inteligência. Considerando dos afetos, e das emoções necessárias a relação professor-aluno, e conseqüentemente importantes na transmissão e apropriação do conhecimento.

O autor Gabriel Chalita ressalta que já se provou que os métodos arbitrários e violentos não educam. Em sua grande maioria adestram. E adestrar o ser humano, condicioná-lo a obedecer por medo é reduzir sua estatura intelectual e emocional. A educação não é isso.

No entanto é na repercussão sensível do ser humano a frente dos acontecimentos, experiências, traumas que ele tem na vida, a forma como o mesmo é afetado e como reage.

Que encontramos a ênfase importância necessária da afetividade. Que surge das vivências e da posição que o outro ocupa em nossa vida.

### **3. ATÉ QUE PONTO A AFETIVIDADE INFLUENCIA NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM**

É muito importante o papel do vínculo afetivo para o desenvolvimento de uma criança. Desde o ventre de sua mãe e continua na relação Pai-Mãe-Filho. Cujas relações, responsável pela construção do caráter, personalidade de um indivíduo. A família é de uma fundamental importância na formação emocional e afetiva. A família é a base, o alicerce onde tudo começa.

A escola chega como a segunda instituição a qual participará, é parceria essencial da família. Também muito importante e responsável pela formação e preparação desse indivíduo para os desafios e conquistas que ele vivenciará mais tarde. Pois colabora efetivamente para o crescimento intelectual, cultural, social, cognitivo, crítico e espiritual desse ser em formação.

Muitos alunos chegam a escola vitimados de contextualizações familiares falidas. Alunos esses que provavelmente apresentarão déficit na aprendizagem e outras sequelas que trarão consigo proveniente do que lhes restou de sua má estrutura familiar.

A escola precisa e deve estar preparada das melhores formas de acolhimento e convivência. Além do novo ambiente, a criança viverá a experiência de se envolver com outras crianças, em particular com o seu educador. Que desde o primeiro contato, dependendo da posição comportamental do seu professor, os resultados dessa relação poderá surgir atração ou não, repulsão ou não, harmonias ou não... Por isso é essencial que as crianças sintam a escola como um espaço acolhedor mesmo por ser um espaço diferente das suas casas, é essencial que sintam-se acolhidos.

Cabe então ao professor o cuidado e a sensibilidade de acolhê-los e se envolver com o seu aluno, evitando que sua sala de aula torne-se um lugar de conflitos, evasões e até reprovações.

... e o que dizer, mas sobre tudo que esperar de mim, se, como professor, não me acho tomado por este outro saber, o de que preciso estar aberto ao gosto de querer bem, as vezes, a coragem de querer bem aos educandos e a própria prática educativa de que participo. Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que porque professor, me obriga a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa abertura ao querer bem

a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano... (PAULO FREIRE, Pedagogia da autonomia, 1996)

Pois ensinar e aprender não se dá longe da magia do envolver-se. Ninguém ama ou odeia a distância. A medida que nos aproximamos, criamos laços... Entre professor e aluno não pode ser diferente. Inúmeras formas de interações acontecem no contexto escolar, e o contato físico é importante sempre acontecer.

Criando possibilidades de diálogos. Maneiras de ajudá-los, sejam com as atividades ou não, participando das brincadeiras... São simples demonstrações de atenção, mas muito notado por eles. Sentem-se seguros, valorizados, aceitos, queridos!!! Dai, surge uma forma de interação extremamente afetiva e toda essa reciprocidade acabam facilitando a permanência, a convivência, o entrosamento e progressivamente as aprendizagens.

Independente da realidade geográfica, cultural ou particular de cada um, o trabalho do professor é imprescindível e determinante no sucesso dos alunos.

Mas, afinal até que ponto essa tal “AFETIVIDADE” influenciará no processo ensino x aprendizagem? “O psicólogo Jean Piaget valoriza o termo afetividade, e diz que ela influencia positivamente os processos de aprendizagem...” Diz Lino Macedo, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – USP, especialista em Piaget.

Já Laurinda Ramalho de Almeida, professora do Programa de Estudos Pós-graduados da PUC-SP, especialista em Wallon afirma, o pesquisador defende que a pessoa é resultado da integração entre afetividade, cognição e movimento. O afetivo por meio de emoções, sentimentos e paixões, sinaliza como o mundo interno e externo nos afeta.

Segundo VIGOSTSKY, para compreender o funcionamento cognitivo (RAZAÃO X INTELIGÊNCIA), é preciso entender o aspecto emocional. O afeto interfere na cognição e vice-versa. A própria motivação para aprender está associada a uma base afetiva. Explica Cláudia da Silva, psicóloga escolar da secretaria de Educação de São Bernardo do Campo e estudiosa de Vigostsky.

A medida que o professor se mostra atencioso e envolvido com o seu aluno, cria-se uma relação mútua de interação, confiança e motivação.

O aluno necessita sentir que o professor é seu amigo e confiar nele. Que não ser trata de alguém severo e mandão. E o professor por sua vez precisa se dá conta que sua atuação precisa entrelaçar aos aspectos emocionais e afetivos, e que ele é a fonte de motivação que o seu aluno precisa.

O fato de envolver-me, motiva-los, ser afetuoso, não significa ser um professor literalmente doce. Significa que devo assumir diante do meu compromisso como educador, a disponibilidade de deixar e ajudar o outro aprender. Criando e despertando o entusiasmo, o interesse, a auto-estima e possibilidades para uma aprendizagem significativa.

Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. Não é certo, sobre tudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e "cinzento" me aponha nas minhas relações com os alunos...(PAULO FREIRE, Pedagogia da autonomia, 1996)

Lamentavelmente muitos educadores alimentam a ideia de que quanto mais ásperos, severos, distantes e frios forem, melhor desempenhará a sua autoridade e o seu papel. Temem expor qualquer tipo de cumplicidade, afeição e sejam mal interpretados pelos seus alunos. E isso chegue a interferir no seu desempenho pedagógico e autoritário.

Professor que pensa e age assim, necessita realmente reaprender a educar. Ele ainda não se deu conta que não existe ensinar x aprender sem envolvimento, emoção e amor.

Ensinar, não é apenas repassar, aprender, não é apenas memorizar, decorar. Esta relação é muito mais intensa e tem grandes significações na vida de ambos. Trata-se também de ajudar o outro a conquistar seu espaço, sua autonomia.

Na verdade, o que não deve e não pode acontecer é trabalhar com crianças como se eles fossem máquinas. É preciso respeitá-los como ser humano, e como tal necessitar de cuidados, especialmente de afeto que apresenta-se como um adulto essencial que aproxima professor e aluno, facilitando o processo de aprendizagem.

Infelizmente o que vemos com muita frequência, professores associando todos e quaisquer problemas nos contextos escolares dos fracassos, as indisciplinas

e as evasões... A estrutura familiar, social, e emocional dos alunos. Nunca a sua posição sentimental ou pedagógica.

Culpa-se os alunos e ainda danificam a sua auto-estima, reforçando-lhes um sentimento de incompetência e o peso de uma responsabilidade que não é só deles.

Alguns teóricos sobre a educação já ressaltaram que a postura sentimental da criança é resultado da posição de quem dela cuida, relaciona-se...

Realmente muitas crianças vivem sérios problemas no decorrer de seu desenvolvimento, na sua infância, até mesmo ainda no ventre de sua mãe. Problemas familiares, traumas psicológicos, coisas que aconteceram e lhes trouxeram percas, sofrimentos... Sequelas que certamente acarretará alguns danos mais tarde. Como dificuldades de relacionar-se com outros, medos, baixo auto-estima, inseguranças, complexos de inferioridade, até mesmo indisciplina, rebeldias... mas tudo isso não quer dizer que esta criança já seja literalmente um caso perdido. São vistos como problemáticos, mas podem ser recuperados ainda através de uma boa convivência. O que não pode acontecer... É desistir deles, afirma o educador Gabriel Chalita em seu livro "APRENDENDO COM OS APRENDIZES: A construção de vínculos entre professores e alunos (2008, pág. 28)".

Talvez ela esteja apenas precisando de um olhar mais voltado para o seu interior, sem tantos julgamentos ou punições... Um olhar afetuoso! Recheado de emoções, motivação, compreensão e respeito. Já que alunos desmotivados também costumam desenvolver atitudes como todas já citadas aqui e acabam por subestimados a desinteressados e rebeldes.

(...) Todo e qualquer aluno tem vocação para brilhar, em áreas distintas, de formas distintas, mas é um ser humano, e como tal, possui inteligência, potencial, se for orientado, acompanhado por educadores consciente do seu papel, poderá produzir, crescer, construir caminhos de equilíbrio e felicidade. (Gabriel Chalita. Educação: A solução está no afeto, 2001, Pag. 257)

Eles necessitam na verdade, de estímulos que favoreçam a elevação de sua auto-estima, e assim, sintam-se capazes de acreditar em si mesmo.

Mas isso só será possível acontecer, se o professor também procurasse repensar a questão da sua prática. Analisando desde a sua atuação pedagógica a

seus aspectos emocionais e interativos. Admitindo e reconhecendo no que falhou, no que fracassou e preocupando-se em melhorar no que for preciso.

Para a melhoria da educação brasileira, a solução não está nos alunos. O principal é o “professor”, então tudo deve começar por ele.

Já disse MARX (1818 – 1883), filósofo, cientista, socialista, pensador do século XIX. “Qualquer forma de ensino e educação deve começar antes de tudo reformulando os educadores.”

Chega de tantos métodos, regras, reformas, etc. O caso é bem mais intenso. Os professores estão precisando ser preparados para atuar com encantamento, motivação, emoção. Mas, para isso precisam sentir-se respeitados, prestigiados, ou pelo menos ter certeza de que escolheram a profissão certa.

Dizemos isto, por que chega ser assustador o número de Docentes insatisfeitos com a sua profissão. As vezes por falta de condições, as vezes por falta de oportunidades, acabam optando por essa formação que em nada condiz com seus sonhos, planos e anseios. Tornando-se profissionais insatisfeitos e frustrados. E um profissional dentro desses padrões, certamente apresentarão inúmeras dificuldades ao desempenhar o seu papel. Antes de tudo, é necessário que haja amor pelo que faz. Pelo contrário, os resultados serão sempre os mesmos “insolucionáveis”.

O “amor”, é o grande segredo! O amor pelo ofício, pelo outro. Como afirma a Professora e Pedagoga Maria da Penha Bomfim: “Se a educação não conseguir promover a construção do conhecimento por meio de afeto, do respeito as dificuldades e aos sentimentos do aluno não será a base do autoritarismo e do castigo que formará cidadãos coerentes. Pois o afeto entre o educador e o educando é como uma semente lançada em terra fértil: Germina numa rapidez surpreendente e produz frutos de qualidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Buscou-se aqui de certa forma analisar a importância da palavra “AFETIVIDADE” em relação ao processo de ensino-aprendizagem.

Trata-se de um termo não tão polêmico, mas, bastante atual. Através dele, analisamos situações favoráveis ao progresso e social dos alunos.

A questão afetiva provou ser essencial no desenvolvimento dos mesmos. Fortalecendo as relações, aprimorando a convivência, estimulando a confiança e dando sentido as aprendizagens.

O estudo deixou claro que tudo isso é possível, se fomos capazes de amar o que estamos fazendo, amarmos a nossa profissão, e principalmente os nossos educandos. Como bem enfatiza o nosso inesquecível Paulo Freire em sua "PEDAGOGIA DA AUTONOMIA" (1996).

Ter a afetividade como um tema de pesquisa, é se envolver num processo psicológico e um pouco difícil de desvendar. Por envolver desde problemas sociais à particulares...

O foco, voltou-se principalmente as questões de interações nas salas de aulas, entre professor + aluno, aluno + aluno... E os procedimentos e métodos de ensino. A importância da preparação, do planejamento das aulas, visando sempre a criatividade, participação, entrosamento da turma. Isso é afetividade!

Procurei visitar algumas salas de aula, e o que analisei é que todo processo seja ele positivo ou negativo, é fundamental a atuação do professor. Seja buscando, renovando, criando, interagindo, amando...

Por isso, professores não devem comporta-se feito adestradores. O aluno deve ser visto e compreendido como um ser social e necessita ser respeitado e amado como tal.

Segundo o educador Gabriel Chalita (2009), tanto ensinar, quanto aprender, só acontecerá se houver compromisso, responsabilidade e respeito mútuo.

Portanto, é na qualidade das interações e da intensa relação entre professor e aluno, ao proporcionar-lhes confiança, motivação e estímulo... Nessa cumplicidade, o aluno conseguirá desenvolver a sua aprendizagem.

## **ABSTRACT**

This article aims to analyze the importance of affectivity in relation to education x Learning . The idea of this theme came from private memories , marks my passage as a student in kindergarten . The same was developed from observations carried out in stages Academic , and its largely through library research . Our proposal is to raise the awareness of educational actors to review their roles of teachers, interested in improving its relations affective pairs ( x teacher student) , seeking the best practice of acceptance and coexistence. The study made it clear that teaching requires students to want well , so we can not behave like trainers . It was observed that affectivity is able to stimulate the interest and taste of the students for their learning .

**KEYWORDS** : Teaching . Affectivity. Learn.

## **REFERÊNCIAS**

BRASIL, Ministério da Educação. Ensino Fundamental de nove anos: Orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade/ Organização do documento: Jeanete Beauchamp, Sandra Denize Pagel, Aricélia Ribeiro do nascimento. Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2006.

\_\_\_\_\_ Ministério da Educação. FNDE. Nova Escola. Ano XXVII, nº. 253, Junho/Julho 2012, págs. 50, 51, 52.

CHALITA, Gabriel. **Aprendendo com os aprendizes: A construção de vínculos entre professores e alunos**. São Paulo. Ciranda Cultural. 2009.

CHALITA, Gabriel. **Educação: A solução está no afeto**. São Paulo. Editora GENTE, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: ed. Paz e Terra, 1996.

GRATIOT – ALFANDERY, Helene. Henri Wallon (Tradução Patríciaa Junqueira). Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana, 2010. 134 p. il. – (COLEÇÃO EDUCADORES).

TASSONI, Elvira Cristina Martins. **AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM: A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO**. Pesquisa e Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação (UNICAMP), 2000.

TIBA, Içami. **Quem ama, educa!** São Paulo: Editora GENTE, 2002.